



2021.2 . Ano xxxviii . Número 42

CALÍOPE

Presença Clássica

2021.2 . Ano xxxviii . Número 42

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Dossiê sobre Xenofonte
(separata 6)

organizadores do dossiê:
Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondarezuk
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrie (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Busto de Xenofonte, c. 323-30 a.C. Museu de Antiguidades (Biblioteca de Alexandria, Egito).

EDITORAÇÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 42
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Ricardo de Souza
Nogueira | Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduaao em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

Gynaikeología: o *Econômico* de Xenofonte e Leo Strauss¹

Manel García Sánchez

RESUMO

Leo Strauss se utilizou de Xenofonte em toda a sua produção filosófica. Em sua constante análise do discurso socrático, Strauss não resistiu em fazer uma interpretação do *Econômico* de Xenofonte. Neste artigo, analisaremos a relação de Strauss com Xenofonte e, sucintamente, o seu exercício hermenêutico dos capítulos de seus comentários sobre o *Econômico* intitulados *gynaikeología*, e o compararemos com duas abordagens da filosofia, primeiro, de mãos dadas com o uso dos prazeres de Michel Foucault e, em seguida, um trabalho recente sobre a filosofia grega da economia de Étienne Helmer.

PALAVRAS-CHAVE

Xenofonte; *Econômico*; Leo Strauss; Gênero; Filosofia grega da economia.

SUBMISSÃO 28.1.2022 | APROVAÇÃO 17.3.2022 | PUBLICAÇÃO 1.9.2022

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i42.49623>

A

tradição da ética e da filosofia política clássica e a sua relação com o pensamento moderno, ou contemporâneo, têm sido um motivo recorrente de pesquisa e análise, mas poucos transitaram por esse terreno com tanta paixão, analisando com requinte forense e a precisão de um relojoeiro suíço, como Leo Strauss (1899-1973),² apologista pertinente da dívida e da continuidade da filosofia política da modernidade com o mundo clássico, especialmente, como apontou Arnaldo Momigliano,³ como “o defensor da lei natural dos antigos contra a lei natural dos modernos”.⁴ Leo Strauss foi considerado por alguns como um crítico implacável da democracia de massas, enquanto para outros ele sempre foi um adversário do liberalismo. Ele e os seus discípulos, conhecidos como straussianos, foram denunciados como elitistas antiamericanos ou como patriotas exacerbados.⁵ No entanto, a unanimidade reside em considerar o seu paciente trabalho de exegeta da filosofia e da cultura gregas, um promotor do renascimento do racionalismo político clássico e um modelo de como se deve “aprender a escrever lendo” e como deveríamos ler prestando atenção ao conteúdo da forma, sabendo ler nas entrelinhas, dando também apalavra aos silêncios intencionais ou não intencionais de um autor, especialmente naqueles pensadores que foram perseguidos ou censurados, estabelecendo uma distinção entre o pensamento esotérico e o exotérico.⁶ Xenofonte não foi um profeta em sua terra: escondido sob a longa sombra de Platão, o seu filolaconismo sólido fez de sua figura um inimigo – injustiçado – da democracia, quando não, simplesmente um historiador ou um filósofo menor. Talvez devêssemos escrever também, quando se trata da Grécia antiga, e acrescentando Michel Foucault a Leo Strauss, a arqueologia dos seus silêncios sobre o gênero.

O catálogo de virtudes e vícios que a filosofia clássica nos ofereceu sobre o bom e o mau governo era amplo e variado. Tucídides, Sócrates, Platão, Aristóteles, Lucrecio ou, no caso que nos concerne, Xenofonte constituíram para Strauss um rico

manancial de exemplos de prudência, justiça, fortaleza, moderação e temperança, de clemência e generosidade, enfim, de virtudes benéficas – tanto para a república quanto para o reino – e imprescindíveis na *práxis* política dos governantes de ontem e de hoje. Não devemos perdê-lo de vista porque, como veremos, a abordagem de Strauss sobre o *Econômico* de Xenofonte se insere nessa mesma linha, ou seja, uma abordagem ética e política da *kalokagathía* do homem e do cidadão honesto e um antídoto para a noção fracassada de progresso moral das filosofias do séc. XIX e os horrores e atrocidades do séc. XX.

A razão para este eterno retorno da filosofia política e da ética clássica responde sensivelmente ao fato de que os sistemas políticos e morais gregos definiram, quase completamente, as formas possíveis de organização política ou de conduta moral que podem ser esperadas, algo que Leo Strauss intuiu desde o início de sua carreira em Marburgo e sob a orientação, entre outros, de Karl Reinhardt que, iniciando-o no pensamento de Nietzsche, descobriu que a face da verdade nem sempre mostra um rosto amável e, como Jano, é sempre duplo. Já em Hamburgo, com Ernst Cassirer, ou em Freiburg, com Edmund Husserl, Martin Heidegger ou, especialmente, o neokantiano Julius Ebbinghaus, ele refletiu, novamente a partir do misógino Nietzsche, sobre a inutilidade da história para a vida.⁷

Se nos voltarmos para Xenofonte, a sorte não acompanhou a valorização dos seus talentos; filho de Grilo, discreto e de extrema beleza corporal, segundo Diógenes de Laércio (*Vidas e opiniões dos filósofos ilustres*, II. 48), mas um historiador menor, se comparado a Heródoto ou a Tucídides, e um filósofo menor, em comparação a outros socráticos e com o maior dos socráticos, que foi Platão.⁸ Escritor de prosa propedêutica, chamada de a “musa ática pela doçura de seu estilo” (*Vidas e opiniões dos filósofos ilustres*, II. 58), adequado e uma ótima opção para iniciarmos na língua grega, antes de nos apresentar à prosa exagerada e à sintaxe e hipotaxia de filólogos clássicos renomados e militantes. Militar e filolacônico convicto, traidor de sua pátria Atenas. Mercenário e amigo a serviço do usurpador do trono persa, Ciro, o Jovem, personagem

também do *Econômico*. Muitos vícios e poucas virtudes para uma das vozes mais inspiradoras e ricas da literatura grega; uma fonte insubstituível e um homem cuja honestidade devemos a preservação e a autoria da obra de Tucídides, bem como de boa parte do conhecimento dos costumes e das instituições dos persas e espartanos, sendo o autor de uma obra, o *Econômico*, em que a esposa de Iscômaco nos introduz como poucos no mundo do *oikos* e do trabalho feminino, na Atenas Clássica.⁹

Strauss resgatou Xenofonte do ostracismo e o defendeu daqueles que sempre falaram do ateniense de forma condescendente,¹⁰ pois ele foi tratado com condescendência desde o séc. XIX, a partir do momento em que o seu brilho se apagou. Com a reabilitação que promoveu de Xenofonte como um dos grandes filósofos políticos e morais de todos os tempos, Strauss encontrou no autor ateniense um de seus companheiros de viagem mais assíduos, como ele um exilado vítima de um tempo de angústia, inquietação e turbulência. Strauss sabia que Xenofonte foi um autor muito admirado até o séc. XVIII, também no que diz respeito ao *Econômico*,¹¹ mas nunca se esqueceu de que ao mesmo tempo foi considerado muitas vezes de pouco valor, tanto como filósofo quanto como historiador, daí até hoje, por mais que Xenofonte tenha sido um protagonista destacado na recepção da filosofia política clássica na modernidade, e para Strauss um autor comparável a Platão ou Aristóteles em valor, como soube intuir Maquiavel, outro companheiro de viagem habitual de Strauss.¹²

Nem verdadeiro filósofo, nem verdadeiro historiador, dizíamos, a sua figura sempre oscilou entre a censura, o elogio e, na maioria das vezes, a indulgência. Um exemplo é a avaliação de um conhecedor confiável da filosofia grega como W.K.C. Guthrie, que encontra nos escritos de Xenofonte poucas evidências de um pensamento filosófico profundo. Mas, a verdade é que Xenofonte foi um dos autores mais lidos e seguidos na Antiguidade¹³ e na Modernidade.¹⁴ O ateniense foi uma rica fonte de inspiração para as reflexões sobre a liderança, a estratégia ou sobre a concepção de um comandante ideal¹⁵ e *kalokagathía*,¹⁶ seja de um império através da figura de Ciro ou Agesilau, ambos paradigmas de *vir virtutis*, da

cidade e da humanidade junto a Sócrates, ou de uma fazenda como no *oikos* de Iscômaco no *Econômico* – tema que nos ocupará neste trabalho – obra que também foi recuperada por Strauss para a sua filosofia política, não raro como exercício de realismo político e de aperfeiçoamento moral. Leo Strauss sempre afirmou que Xenofonte é um autor essencial também para o nosso tempo.¹⁷ Strauss prescreveu para o séc. XX o filósofo Xenofonte, “necessário para tornar o mundo um mundo”, mas, porque não, por meio do uso da ironia.¹⁸ Talvez ninguém como Leo Strauss tenha insistido tanto em trazer Xenofonte de volta do exílio que lhe foi injustamente imposto, entre os filósofos, já na antiguidade, por conta da longa sombra deixada por Platão.

Como dissemos, as leituras de Xenofonte foram diversas ao longo dos séculos, desde os tempos antigos. A avaliação do ateniense oscilou, de considerá-lo um reacionário filolacônico, inimigo da democracia e da sociedade aberta¹⁹ – a *dark vision* que Vivienne J. Gray²⁰ atribui às interpretações de James Tatum ou Christopher Nadon,²¹ ou quando Christopher Tuplin²² considera Xenofonte um manipulador sofisticado e ingênuo –, até ver no ateniense o arquiteto de uma meritocracia fundada em políticos virtuosos e paternais²³ – para os socráticos, a virtude é a essência da política e, para Platão e Aristóteles, um assunto de especialistas. Contudo, o habitual foi considerar Xenofonte – tal como o fizeram Jean Luccioni, W.E. Higgins, James Tatum, Christopher Nadon, Bodil Due, Waller R. Newell ou Deborah Gera, com mais ou menos veemência²⁴ – como um socrático e um inimigo declarado da democracia, para quem a superioridade do sistema político espartano era um dogma de fé – “*un de ces agents de propagande au service de Sparte*”.²⁵ A isso deve-se somar o que emerge da leitura de Xenofonte em resposta à crise na Grécia, no séc. IV a.C.:²⁶ ou um ideal pan-helênico ou, para os realistas políticos, que uma monarquia opressora e centralizada é imanente ao império – que segundo Pierre Carlier²⁷ seria um aviso às cidades gregas –, o que na Europa moderna acabaria sendo o absolutismo monárquico, sempre opressor, embora nem sempre centralizado. Talvez Jean Luccioni²⁸ tenha razão ao afirmar que Xenofonte, um

grand imaginaire, pensava que uma monarquia militar, aplicada a um grande estado e onde os amigos do príncipe ocupariam os cargos mais relevantes (aristocracia ou oligarquia?), seria o remédio ideal para todos os males de algumas *póleis* gregas em decadência e que haviam sucumbido ao feitiço da democracia radical. Mas esse não é o problema em questão agora.

No entanto, e sem dúvida, ninguém demonstrou maior interesse por Xenofonte como um filósofo político, no sentido clássico grego de político, ou seja, ética somada à política, do que Leo Strauss.²⁹ Este defendeu repetidamente, até o final de sua carreira, a figura de Xenofonte e buscou na ironia do ateniense o verdadeiro sentido de sua filosofia, daquela tensão permanente entre a filosofia e a cidade.³⁰

Na verdade, a iniciação de Strauss com Xenofonte foi precoce, com um estudo sobre *A constituição dos lacedemônios* intitulado *The Spirit of Sparta and the Taste of Xenophon* (1939), às portas de um “confronto bárbaro” que, como Xenofonte e Atenas, levaria Strauss – por sua condição de judeu – a viver sob o sol dos exilados nos Estados Unidos da América, após deixar a Alemanha em 1932 para prosseguir com os seus estudos na França e na Inglaterra, desde que se tornou impossível o seu retorno com a terrível tomada de poder da barbárie de Hitler, em 1933, sendo este um contexto dramático que mais uma vez levou à perseguição do filósofo na cidade. Pouco depois surgiria a publicação de *On Tyranny: an Interpretation of Xenophon's Hiero* (1948) – esta edição foi ampliada em 1963, com um debate entre Strauss e Alexandre Kojève –, *Greek Historians* (1968), *Xenophon's Socratic Discourse* (1970) e *Xenophon's Socrates* (1972), obras que poderiam se somar ao capítulo sobre *Xenophon's Anabasis* publicada postumamente em seus *Studies in Platonic Political Philosophy* (1983) ou para Xenofonte que aparece em seus estudos sobre a relação de Sócrates com Atenas em *The City and Man* (1964) ou em *Socrates and Aristophanes* (1966). Em geral, também merece atenção especial os seus seminários sobre Xenofonte e os filósofos políticos clássicos.³¹

Dissemos que *The Spirit of Sparta and the Taste of Xenophon* (1939) foi o primeiro texto extenso de Strauss dedicado à filosofia

política clássica, após o seu interesse inicial por Spinoza, Hobbes ou pelo pensamento árabe e judaico, independentemente de aceitarmos ou não a sua visão polêmica d'*A constituição dos lacedemônios* como uma sátira mordaz de Esparta e o seu regime totalitário.³²

Em 1948, Strauss voltou a Xenofonte com o seu *On Tyranny. An interpretation of Xenophon's Hiero*³³ – Strauss pediu a Kojève “*review it in Critique or, for that matter, in any other French periodical*” pela simples razão de “*how modern Xenophon is*”³⁴ –, ao qual poderíamos acrescentar a crítica de Eric Voegelin³⁵ e uma nova reflexão de Strauss intitulada *Restatement on Xenophon's Hiero* que foi publicada em uma edição francesa de 1954. Nesta obra Strauss quis destacar como o pensamento político clássico, sem “*to relate his thought to his 'historical situation'*” – por um erro tão temerário sempre se paga um preço oneroso, e com Strauss não foi diferente³⁶ –, era muito mais útil do que as ciências sociais contemporâneas, principalmente para ajudar na reflexão sobre o surgimento dos totalitarismos do séc. XX, de fato, para Strauss “*Plato and other classical thinkers seemed to have interpreted for us the horrors of the twentieth century*”.³⁷ Os totalitarismos seriam variantes da tirania do período clássico reforçadas pela tecnologia e a ideologia; usando a ideia de Xenofonte da impossibilidade de uma teoria da tirania benfeitora, que inevitavelmente, e antecipando Maquiavel, faz a identificação entre o rei e o tirano e da tirania, como um regime político degenerado, não pode ser corrigida mesmo quando busca um guia na filosofia. Em *Restatement on Xenophon's Hiero*³⁸ (1954), Strauss se voltou com mais detalhes sobre a tirania e insistiu, novamente, no *Hierão* de Xenofonte e a tirania em seu curso de inverno de 1963 e para encontrar a resposta para a melhor definição possível de realeza.

No mesmo ano que foi publicado *Thoughts on Machiavelli* (1958), Strauss proferiu cinco palestras na Universidade de Chicago, intituladas *The Problem of Socrates: Five Lectures*, publicado em 1989. Nelas, mais uma vez, evidenciamos um recurso constante em Strauss, ou seja, o de tomar Xenofonte como um de seus guias entre os autores clássicos.

Mas Strauss se interessou plenamente por Xenofonte a partir dos anos 60 do século passado. No inverno de 1963, no Departamento de Ciência Política da Universidade de Chicago, Strauss dedicou um seminário ao autor ateniense, o já citado *Lectures on Xenophon*, onde analisou minuciosamente, nas entrelinhas, as *Memoráveis*, o *Econômico*, o *Hierão*, *Constituição dos atenienses*, *Constituição dos lacedemônios* e *Ciropédia*.³⁹

Em *The City and Man* (1964), Strauss ainda não havia decidido se Xenofonte seria o principal filósofo ou historiador, optando por dedicar os três capítulos da obra a Aristóteles, Platão e Tucídides. Mas, como o tema de *The City of Man* não era outro, nas palavras de Strauss do que “*the theme of classical political philosophy*”⁴⁰ e “*the doubt of the modern project*”,⁴¹ pode-se considerar que Xenofonte está latente diante do temor do triunfo do comunismo que supusesse “*the victory of most extreme form of Eastern despotism*”, culminando, mais uma vez, no tema do despotismo oriental.

Depois de seu *Socrates and Aristophanes* (1966), *Jerusalem and Athens* (1967), *Liberalism Ancient and Modern* (1968), veio a resenha *Greek Historians* (1968), um pedido de desculpas a Xenofonte, o historiador das *Helênicas* e a qual Strauss confrontava aqueles que foram condescendentes com o ateniense e o seu valor como filósofo ou historiador. No entanto, seria com *Xenophon's Socratic Discourses: an Interpretation of the Oeconomicus* (1970), com *Xenophon's Socrates* (1972) e com *Xenophon's Anabasis* (1975), publicado em *Studies in Platonic Political Philosophy* (1983), quando Strauss voltaria a Xenofonte. No póstumo *Xenophon's Anabasis*, no entanto, Strauss foi vítima de alguns dos clichês sobre o Grande Rei da Pérsia, oriundos da tradição clássica e que perduraram por uma longa duração.⁴²

Contudo, antes de começar o nosso *tour* pelo *Econômico* de Strauss, devemos detalhar primeiro o que nos oferecia a obra de Xenofonte⁴³ como fonte de inspiração para uma *gynaikeología*.

No *Econômico*, Xenofonte nos deixou uma das descrições mais completas do trabalho doméstico feminino, comparando-o com as tarefas das abelhas. Em um diálogo entre Iscômaco e

Sócrates, o primeiro se refere ao papel reservado à sua esposa dentro do *oikos*, incluindo o gineceu (*gynaikeōnitis*) separado do espaço masculino (*andrōnitis*) por uma porta fechada com uma espécie de trinco no formato de bolota (*bálanos*) – curiosamente, a mesma palavra significa “glande” – que ao cair por um orifício interior da caixa que a continha, imobilizava o ferrolho. Para extraí-lo e poder abrir novamente, era necessário um gancho especial, como a chave de um cinto de castidade que estava na posse do marido.

A dona da casa, como a rainha das abelhas, controla o trabalho que se realiza dentro do *oikos*, uma disciplina que se soma à educação moral e ao aprendizado do trabalho doméstico que realiza nas mãos do marido (Xen. *Oec.* 10).⁴⁴ Este trabalho de supervisão do *labor matronalis* e de preservação do patrimônio e da ordem (Xen. *Oec.* 8-9) deve ser adicionada a outra tarefa quintessencial para a qual uma mulher é tomada por esposa: procriar para ter um herdeiro varão do patrimônio familiar e que cuide dos mais na velhice, ainda que este não fosse um horizonte de expectativa muito promissor, era o lugar natural de uma boa parte das mulheres na Grécia antiga e em quase todos os tempos.⁴⁵ Se os trabalhos próprios à mulher estão dentro de casa, os dos homens serão externos, tais como: o cultivo, o trabalho de pastor, as conversas na ágora ou os debates na Pnyx, onde se decidem os assuntos da cidade, a divisão do trabalho, portanto, não é natural, mas de gênero. Entretanto, como lemos em *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood: “Elas são chamadas de esposas econômicas [econoesposas]. Essas mulheres não são divididas de acordo com as suas funções, mas devem fazer de tudo, se puderem”.⁴⁶

Xenofonte (*Oec.* 10.1-8) também dedicou um espaço ao tratamento cosmético, sendo essa a arte da simulação, que torna belo o que não é, mas que se torna desnecessária para quem não é feio. A mulher, por sua vez, não deve fazer uso de alvaiade e ancusa ou de sandálias e vestidos suntuosos. Enfeites e maquiagem são uma arte de artifício que atenta contra a *enkráteia*, ou o autocontrole sobre os prazeres, e corrompe a harmonia necessária da vida conjugal.

Assim, sendo a cidade um clube de homens, trancava as mulheres dentro de casa e no gineceu (Xen. *Oec.* 9.5), com o fuso e o tear, como certamente também Filésia foi submetida, sendo a mulher que acompanhou Xenofonte até a sua morte, em seu exílio em Escilunte, na propriedade cedida pelos lacedemônios. Como já foi dito, a cidade, “esse clube de homens”, trancou a esposa do *kalokagathós* perfeito, cidadão e proprietário no gineceu.⁴⁷ Mas não nos enganemos, pois apenas àquelas mulheres abastadas, que as durezas da vida não condenaram ao trabalho manual, e que, nunca nos esqueçamos, não fiaram apenas a lã.

Obviamente, o interesse de Strauss pelo *Econômico* de Xenofonte não se devia a qualquer interesse por questões de gênero, ou por qualquer curiosidade sobre a condição das mulheres na Grécia Clássica. A sua motivação sempre correspondeu à sua vontade de demonstrar que a verdadeira filosofia política do Ocidente começou com o discurso socrático, a definição de um verdadeiro *kalokagathós*,⁴⁸ e que a política e a economia estavam ligadas a Xenofonte, ao conceber o *oîkos* uma *pólis* em miniatura,⁴⁹ e ao sábio como aquele que não precisa possuir, mas ser.⁵⁰ Porém, para além de sua abordagem do *Econômico*, a partir da filosofia política, ou da ética ligada à satisfação, ou não dos constrangimentos do desejo e do triunfo da justiça, uma constante na maioria de seus estudos, a sua sutileza hermenêutica e a sua curiosidade insaciável não poderia ignorar o papel das mulheres na gestão do *oîkos* de Iscômaco, nem mesmo foi para destacar a figura do *gentleman*, o honesto homem socrático (Xen. *Oec.* 6.8), e assim dedicou quatro capítulos de sua obra à *gynaikología*. Strauss destacou a *Ischomachos' Outdoor Life* aos “*indoor affairs*” de sua esposa,⁵¹ se utilizando de modo revelador da obra de Ivo Bruns, mas não em troca de sua polêmica contra Wilamowitz sobre a emancipação da mulher grega.⁵²

Strauss também destaca a prioridade cronológica no discurso socrático do *Econômico*, da *gynaikología* sobre a *andrología*, uma atribuição assimétrica de papéis estabelecida pelos deuses (Xen. *Oec.* 7.16) em que o marido é definido como “*the teacher of order*”⁵³ – sobre esse conceito, o casamento e a cosmética orbitam,

segundo Strauss, toda a *gynaikeología* xenofonteana – e talvez devêssemos relacionar o tema do diálogo, como aponta o pensador alemão, ao fracasso de Sócrates em escolher Xantipa como sua esposa, embora seja muito menos crível, se não desconfiarmos da concepção de Strauss sobre as mulheres, quando o autor alemão considera que Sócrates foi um verdadeiro *gentleman* frente a Iscômaco, por nunca ter esperado muito da educação de uma mulher, por conta de “*his ignorance of the art of managing one’s wife*”, ação relacionada à possível associação de Iscômaco com Cálías e a suposta conduta escandalosa de sua esposa, aparentemente filha do próprio Iscômaco.⁵⁴ Sarah B. Pomeroy não se utilizou mais que uma vez do comentário de Leo Strauss em sua excelente tradução comentada do *Econômico* de Xenofonte, mas as suas observações são pertinentes porque nos revelam que Strauss pode ter tido um destino paralelo ao do ateniense, ao ser identificado com o conservadorismo, especialmente por seus ardentes seguidores entre o pensamento neoconservador norte-americano.⁵⁵

Alguns anos depois, Michel Foucault dedicou algumas páginas do segundo volume de sua *História da sexualidade*, no volume dedicado aos usos dos prazeres, os *aphrodisia*, ao *Econômico* de Xenofonte. A seção foi intitulada *Econômica* e mantinha o seu enfoque no que o filósofo chamava de “a sabedoria do casamento” e a “política da temperança”. Não discutirei, aqui, a importância do pensamento foucaultiano para o mundo clássico e os estudos de gênero.⁵⁶ Farei apenas referência a algumas páginas desta grande obra.

Diferentemente de Strauss, Foucault se interessou somente pela ética e a filosofia política de Sócrates e Xenofonte, colocou uma questão fundamental para os estudos sobre o gênero na Grécia Antiga, a saber, como as relações sexuais eram entre marido e mulher eram representadas, vendo no *Econômico* o tratado – uma episteme – mais completo – sobre a vida conjugal que a Grécia clássica nos legou.⁵⁷ Se o autor ateniense se referiu, no *Banquete* (4.8) aos truques que um marido tece para esconder de sua esposa as suas relações sexuais extraconjugais, mas também ao amor

recíproco entre marido e mulher (Xen. *Symp.* 8.3), o habitual na Antiguidade foi separar o casamento do prazer sexual, tendo nas restrições ao desejo e aos prazeres do *éros*, uma verdadeira dissimetria entre marido e mulher, do princípio ao fim, pois é sempre o homem quem decide o destino da mulher.⁵⁸ É verdade que a *enkráteia*, ou autocontrole, é um imperativo para Xenofonte, tanto em homens quanto em mulheres – por exemplo, ao remover a maquiagem como um simulacro de beleza – mas, não é menos verdade que os homens sempre podem satisfazer os seus desejos sexuais com concubinas, ou com escravas, no interior da casa, ou com *hetairai*, as prostitutas ou com jovens adolescentes, no exterior. Em última análise, a virtude da mulher consistia na fidelidade, na submissão e na modéstia, enquanto a do homem, embora a austeridade e a *enkráteia* fossem prescritivas, os limites estabelecidos eram muito mais soltos e flexíveis.⁵⁹

Étienne Helmer⁶⁰ também afirmou a existência de uma filosofia grega da economia, uma disciplina, a economia, que, segundo o autor, não evoca a Grécia antiga para quase ninguém hoje em dia, se compararmos com a política, a filosofia, a democracia, a educação etc.⁶¹ Os filósofos gregos sempre foram censurados, desde a modernidade, por não terem teorizado sobre a economia, algo que para o autor francês é infundado, considerando legítimo se falar de uma filosofia grega da economia, para fazer do homem grego não apenas um *homo politicus* weberiano, mas também um *homo oeconomicus*, ou, como argumenta o autor, um *homo oeconomicus* na *pólis* e um *homo politicus* no *oíkos*,⁶² algo que Leo Strauss também intuiu.

Helmer destacou, acertadamente, que o Iscômaco de Xenofonte convida a sua esposa a pensar sobre a sua função doméstica de guardiã das leis (Xen. *Oec.* 9.14-15) por analogia com as leis da cidade, valendo-se de Dracon, Sólon ou do Grande Rei da Pérsia – principalmente pelo dever da mulher de ampliar o patrimônio por através de ações e meios belos e justos (Xen. *Oec.* 7.15) de aquisição e conservação de bens (*ketēsis* e *phyláttein*) porque esse é o sentido e o dever de ser, a sua segunda natureza, que a mãe natureza confiou à mulher, a saber, a administração

doméstica⁶³ (Xen. *Oec.* 7.4-43). A isso devemos acrescentar a concepção de matrimônio de Xenofonte, como um serviço à comunidade (*koinonía*), novamente, pois, em uma analogia entre o *oikos* e a comunidade política (*pólis*), na mesma linha seguida por Leo Strauss,⁶⁴ porque através das relações conjugais não está em jogo somente a ordem doméstica, do *oikos*, mas também a da cidade, porque a economia doméstica não lida somente com a produção de corpos econômicos, mas, sobretudo de corpos políticos, e aqui – na mentalidade dos gregos – a mulher é um mal necessário.

Assim, o que podemos concluir sobre este breve exercício acerca do comentário de Leo Strauss sobre o *Econômico* de Xenofonte? Pouco mais do que já foi apontado, a saber, o filósofo alemão viu na conversa de Sócrates com Iscômaco uma nova evidência de sua visão de Sócrates como um verdadeiro *gentleman*, um autêntico *kalokagathós*,⁶⁵ nem distraído pelo *mundus muliebris*, e menos ainda dependente das mulheres para o seu constante aperfeiçoamento moral e político, cuja preocupação maior como filósofo estava em ser ao invés de ter, uma injustiça com a razão patriarcal, de uma sociedade heteropatriarcal duradoura, talvez no sentido denunciado por Michel Foucault em *A vontade de saber* e que permeou toda a tradição ocidental polimorficamente: hierarquizar moralmente por meio de uma economia do discurso e uma microfísica do poder da sexualidade e das relações conjugais para tratar as pessoas – em nosso caso as mulheres – seja como potencialmente perigosas seja como normalizadas, na condição de castas e fiéis. Isso porque, as relações sexuais não são apenas relações de prazer, mas também relações polimórficas de poder que sustentam a todos os discursos e silêncios, tanto públicos quanto privados.

RESUMEN

Leo Strauss se sirvió de Jenofonte a lo largo de su producción filosófica. En su constante análisis del discurso socrático no pudo resistirse a llevar a cabo una interpretación del *Económico* de Jenofonte. En el presente trabajo analizaremos la relación de Strauss con Jenofonte y sucintamente ese ejercicio hermenéutico, tan solo de los capítulos de su comentario del *Económico* titulados *gynaiología*, y lo compararemos con dos aproximaciones provenientes de la filosofía, de la mano del uso de los placeres de Michel Foucault, primero, y al hilo de un reciente trabajo sobre filosofía griega de la economía de Étienne Helmer, después.

PALABRAS CLAVE

Jenofonte; *Económico*; Leo Strauss; Género; Filosofía griega de la economía.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTINI, C. **Leo Strauss**: Linguaggio del potere e linguaggio della filosofia. Bologna: Il Mulino, 2000.
- AULT, B.A. Oikos and Oikonomia: Greek Houses, Households and the Domestic Economy. WESTGAT, R.; FISHER, N.; WHITLEY, J. (ed.). **Building Communities**: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond. Exter: Short Run Press Ltd., 2007. p. 259-265.
- AZOULAY, V. **Xénophon et les grâces du pouvoir**: de la charis au charisme. Paris: Éditions de la Sorbonne 2004.
- BÉNATOUÏL, T. Les possessions du sage et le dépouillement du philosophe. **Rursus**, 3, 2008, p. 1-17.
- BEUTLER, C. Un chapitre de la sensibilité collective: la littérature agricole en Europe continentale au XVI^e siècle. **Annales, Économies, Sociétés, Civilisations**, 5, 1973, p. 1280-1301.
- BOEHRINGER, S.; LORENZINI, D. (dirs.). **Foucault, la sexualité, l'Antiquité**. Paris: Éditions Kimé, 2016.
- BROWN FERRARIO, S. Xenophon and Greek Political Thought. In: FLOWER, M. (ed.). **The Cambridge Companion to Xenophon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 57-83.
- BRUELL, C. **Xenophons Politische Philosophie**. München: Carl Friedrich von Siemens Stiftung, 1990.
- _____. Xenophon. In: STRAUSS, L.; CROUSEY, J. (ed.). **History of Political Philosophy**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1987 [1963]. p. 90-117.
- BRÛLÉ, P.; OULHEN, J.; PROST F. (éds.). **Économie et Société en Grèce antique**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007.
- BURNS, T. W. (ed.). **Brill's Companion to Leo Strauss' Writings on Classical Political Thought**. Leiden; Boston: Brill, 2015.
- BUZZETTI, E. A Guide to the Study of Leo Strauss' On Tyranny. In: BURNS, T. W. (ed.). **Brill's Companion to Leo Strauss' Writings on Classical Political Thought**. Leiden; Boston: Brill, 2015. p. 227-257.
- CARLIER, P. L'idée de monarchie impériale dans *La Cyropédie*. **Ktéma**, 3, 1978, p. 133-163.
- COX, C.A. **Household Interests**: Property, Marriage Strategies, and Family Dynamics in Ancient Athens. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- DELEBECQUE, É. Sur la date et l'objet de l'Économique. **Revue des Études Grecques**, 64, 1951, p. 21-58.

- DELEBECQUE, É. **Essai sur la vie de Xénophon**. Paris: C. Klincksieck, 1957.
- DORION, L.-A. Socrate *oikonomikos*. In: NARCY, M.; TORDESILLAS, A. (éds.). **Xénophon et Socrate**. Paris: Vrin, 2008. p. 253-281.
- DUE, B. **The Cyropaedia: Xenophon's Aims and Methods**. Aarhus; Copenhagen: Aarhus University Press, 1989.
- FIGUEIRA, T. Economic In the Works of Xenophon. In: HOBDEN, F.; TUPLIN, C. (éds.). **Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry**. Leiden-Boston: Brill, 2012. p. 665-688.
- FLOWER, M. (ed.). **The Cambridge Companion to Xenophon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- FORNIS, C. **El mito de Esparta: un itinerario por la cultura occidental**. Madrid: Alianza Editorial, 2019.
- FOUCAULT, M. **Historia de la sexualidad II: el uso de los placeres**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, S.A., 2019. (París, 1984).
- FOXHALL, L. Household, Gender and Property in Classical Athens. **The Classical Quarterly**, 39(1), 1989, p. 22-44.
- GARCÍA SÁNCHEZ, M. ¿Príncipes o tiranos? La Ciropedia de Jenofonte, la monarquía aqueménida y los specula principum de la modernidad (siglo XVI). **Gerión**, 37(2), 2019, p. 288-423.
- _____. Cyrus the Gentleman (καλοκάγαθός)?: Xenophon's *Cyropaedia* and Leo Strauss. (no prelo).
- GERA, D.L. **Xenophon's Cyropaedia: Style, Genre and Literary Technique**. Oxford: OUP, 1993.
- GISH, D.; AMBLER, W.S. The Political Thought of Xenophon. **Polis**, 26/2, 2009.
- GRAY, V.J. **Xenophon's Mirror of Princes: Reading the Reflections**. New York: OUP, 2011.
- GUGLIELMINA, P. Leo Strauss et l'art de lire. Postface à Leo Strauss. In: STRAUSS, L. **La renaissance du rationalisme politique classique**. Paris: Éditions Gallimard, 1993.
- HELMER, É. (dir.). **Richesse et pauvreté chez les philosophes de l'Antiquité**. Paris: Vrin, 2016.
- _____. **Oikonomia: philosophie grecque de l'économie**. Paris: Classiques Garnier, 2021.
- HÉMARDINQUER, M. **La Cyrópedie: Essai sur les idées morales et politiques de Xénophon**. Paris: Wentworth, 1872.

HERFST, P. **Le travail de la femme dans la Grèce ancienne**. Utrecht: A. Oosterhoek, 1922.

HIGGINS, E. **Xenophon the Athenian: the Problem of the Individual and the Society of the Polis**. Albany (NY): State University of New York Press, 1977.

HOUMANIDIS, L. Xenophon's economic ideas. **Archives of Economic History**, 2, 1993, p. 79-102.

HUTCHINSON, G. **Xenophon and the Art of Command**. London: Greenhill Books; Lionel Leventhal, 2000.

JOHNSON, D. M. Strauss on Xenophon. In: HOBDEN, F.; TUPLIN, C. (éds.). **Xenophon: Ethical Principles and Historical Enquiry**. Leiden; Boston: Brill, 2012. p. 123-159.

LUCCIONI, J. **Les idées politiques et sociales de Xénophon**. Paris: Ophrys, 1947.

MEYER, K. **Xenophons "Oikonomikos": Übersetzung und Kommentar**. Marburgo: Buchdruckerei und Verlag P. Kaesberger, 1975.

MOMIGLIANO, A. **Essays on Ancient and Modern Judaism**. Chicago: University of Chicago Press, 1994. p. 178-189 (1967).

MOSSÉ, C. Xénophon économiste. In: BINGEN, J.; CAMBIER, G.; NACHTERGAEL, G. (éds.). **Le monde grec: pensée, littérature, histoire, documents. Hommages à C. Préaux**. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 1975. p. 169-176.

_____. **La mujer en la Grecia clásica**. Hondarrribia: Editorial Nerea, 1990. (París, 1983).

_____. El hombre y la economía. In: VERNANT, J.-P. (ed.). **El hombre griego**. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

MUELLER-GOLDINGEN, C. **Untersuchungen zu Xenophons Kyrupädie**. Stuttgart; Leipzig: De Gruyter, 1995.

MÜNSCHER, K. **Xenophon in der Griechisch-Römischen Literatur**. Leipzig: Dieterich'sche Verlagsbuchhandlung, 1920.

NADON, C. **Xenophon's Prince: Republic and Empire in the Cyropaedia**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 2001.

_____. Editor's Introduction: Strauss Course Transcript on Xenophon: 1963. In: STRAUSS, L. **Lectures on Xenophon: a Course Offered in Winter quarter, 1963**. Edited and with an introduction by C. Nadon. Department of Political Science, The University of Chicago, 2016. p. i-xiii.

NEWELL, W.R. Tyranny and the Science of Ruling in Xenophon's *Education of Cyrus*. **Journal of Politics**, 45, 1983, p. 889-905.

_____. **Tyranny: A New Interpretation.** New York: Cambridge University Press, 2013.

OLLIER, F. **Le mirage spartiate.** París: De Boccard, 1933.

PANGLE, T. **Leo Strauss: an Introduction to his Thought and Intellectual Legacy.** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2006.

PÉBARTHE, *Oikonomia*, entre champ économique, champ politique et champ philosophique en Grèce ancienne: méditations bourdieusiennes sur l'*Économique* de Xénophon. **Revue Française de Socio-Économie**, 13 (1), 2014, p. 67-84.

PLÁCIDO SUÁREZ, D. **La Dépendance dans l'Économique de Xénophon.** París: Presses universitaires franc-comtoises, 2001.

_____. La historicité du personatge de Socrate dans l'*Économique* de Xénophon. In: NARCY, M.; TORDESILLAS, A. (éds.). **Xénophon et Socrate.** París: Vrin, 2008. p. 235-251.

POMEROY, S. B. **Xenophon, Oeconomicus: a Social and Historical Commentary with a New Translation by Sarah B. Pomeroy.** Oxford: Clarendon Press, 1994.

_____. **Families in Classical and Hellenistic Greece: Representations and Realities.** Oxford: Clarendon Press, 1999.

RAWSON, E. **The Spartan Tradition in European Thought.** Oxford: Clarendon, 1969.

ROOD, T. Political Thought in Xenophon: Straussian Readings of the *Anabasis*. **Polis: The Journal for Ancient Greek Political Thought**, 32, 2015, p. 143-165.

RUDERMAN, R.S. "On Leo Strauss' Presentation of Xenophon's Political Philosophy in "The Problem of Socrates"". BURNS, T.W. (ed.). **Brill's Companion to Leo Strauss' Writings on Classical Political Thought.** Leiden; Boston: Brill, 2015. p. 193-212.

SALES I CODERCH, J; MONTSERRAT I MOLAS, J. **Introducció a la lectura de Leo Strauss.** Barcelona: Barcelonesa d'Edicions, 1991.

SALLER, R.P. Household and Gender. In: SCHEIDEL, W.; MORRIS, I.; SALLER, R. (eds.). **The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 87-112.

SCHEIDEL, W.; MORRIS, I.; SALLER, R. (eds.). **The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World.** Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SÉBILLOTTE, V. Women and the Economic History of the Ancient Greek World: Still a challenge for gender studies. In: LION, B.; MICHEL, C. (éd.). **The Role of**

Women in Work and Society in the Ancient Near East. Boston; Berlín: De Gruyter, 2016. p. 543-563.

SOLANA DUESO, J. **Aspasia de Mileto y la emancipación de las mujeres:** Wilamowitz frente a Bruns. Zaragoza: Jose Solana Dueso, 2014.

STRAUSS, L. The Spirit of Sparta or the Taste of Xenophon. **Social Research**, 6:1/4, 1939, p. 502–36.

_____. Book Review of L. Olschki, *Machiavelli the Scientist*. **Social Research**, XIII, 1946, p. 121-124.

_____. Walker's Machiavelli Reviewed Work: *The Discourses of Niccolò Machiavelli* by Leslie J. Walke. **The Review of Metaphysics**, vol. 6, n. 3, mar. 1953, p. 437-446.

_____. **Thoughts on Machiavelli.** Glencoe; Illinois: University of Chicago Press, 1958.

STRAUSS, L. **Lectures on Xenophon:** a Course Offered in Winter Quarter, 1963. Edited and with an introduction by C. Nadon. Department of Political Science, The University of Chicago, 2016.

_____. **The City and Man.** Chicago: University of Chicago Press, 1964.

_____. Greek Historians. **Review of Metaphysics**, 21/4, 1968, p. 656-666.

_____. **Xenophon's Socratic Discourse:** an Interpretation of the *Oeconomicus*. Cornell: Cornell University Press, 1970.

_____. **The Argument and the Action of Plato's Laws.** Chicago; London: University of Chicago Press, 1975.

_____. Xenophon's Anabasis (1975). In: **Studies in Platonic Political Philosophy.** Chicago: University of Chicago Press, 1983. p. 105-136.

_____. The Problem of Socrates: Five Lectures. In: PANGLE, T.L. (ed.). **The Rebirth of Classical Political Rationalism:** an Introduction to the Thought of Leo Strauss. Essays and Lectures by Leo Strauss. Chicago; London: 1989. p. 103-183.

_____. **On Tyranny.** Revised and expanded edition including the Strauss-Kojève Correspondence edited by Victor Gourevitch and Michael S. Roth. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

TATUM, J. **Xenophon's Imperial Fiction:** on The Education of Cyrus. Princeton: Princeton University Press, 1989.

TODD LOWRY, S. The Greek Heritage in Economic Thought. In: TODD LOWRY, S. (ed.). **Pre-Classical Economic Thought From the Greek to the Scottish Enlightenment.** Boston: s.n., 1987. p. 7-30.

TODD LOWRY, S. Xenophons ökonomisches Denken über “Oikonomikos” hinaus. In: TODD LOWRY, S.; SCHEFOLD, B.; SCHEFOLD, K.; SCHMITT, A. (eds.). **Xenophons Oikonomikos: Vademecum zu einem Klassiker der Haushaltsökonomie.** Düsseldorf: Verl. Wirtschaft und Finanzen, s.d. p. 77-93.

TUPLIN, C. Xenophon, Sparta, and the *Cyropaedia*. In: POWELL, A.; HODKINSON, S. (eds.). **The Shadow of Sparta.** London: Routledge, 1994. p. 127-181.

_____. (ed.). **Xenophon and his World: Papers from Conference Held in Liverpool in July 1999.** Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004.

VOEGELIN, E. Review of Leo Strauss, *On Tyranny*. **The Review of Politics**, 1949, p. 241-244.

- ¹ Texto traduzido do espanhol para o português pelo prof. dr. Luis Filipe Bantim de Assumpção (Universidade de Vassouras; UNIRIO-CEDER).
- ² Cf. RUDERMAN, 2015, p. 196-198.
- ³ MOMIGLIANO, 1994, p. 178.
- ⁴ Cf. PANGLE, 2006, p. 43 ss.
- ⁵ Cf. SALES; MONTSERRAT (1991).
- ⁶ Cf. GUGLIELMINA (1993) e MOMIGLIANO (1994).
- ⁷ Cf. LURI, 2012, p. 59 ss.
- ⁸ Por mais que Strauss tenha reivindicado à figura de Xenofonte como filósofo (DORION, 2008).
- ⁹ Cf. POMEROY (1995).
- ¹⁰ STRAUSS, 1968, p. 657; Idem, ibidem, p. 1.
- ¹¹ Cf. BEUTLER (1973).
- ¹² Cf. TATUM (1989, p. xiv) e GARCÍA SÁNCHEZ (2019).
- ¹³ MÜNSCHER (1920).
- ¹⁴ GARCÍA SÁNCHEZ (2019).
- ¹⁵ Cf. HUTCHINSON (2000).
- ¹⁶ Cf. GRAY (2011).
- ¹⁷ É surpreendente que nunca tenha publicado nenhum trabalho monográfico sobre a *Cirropédia*, deixando o seu curso sobre esta obra ainda inédito (STRAUSS, 1963; GARCÍA SÁNCHEZ, no prelo).
- ¹⁸ STRAUSS, 1938, p. 504.
- ¹⁹ Cf. em LUCCIONI, 1947, p. 108-200; TUPLIN, 1994, p. 127-181.
- ²⁰ GRAY, 2011, p. 59.
- ²¹ NADON (2016)
- ²² TUPLIN, 2004, p. 29.
- ²³ Cf. AZOULAY, 2004, p. 340-370.
- ²⁴ Cf. em LUCCIONI (1947), HIGGINS (1977), NEWELL (1983), TATUM (1989), Due (1989), GERA (1993); NADON (2001); NEWELL (2013).
- ²⁵ LUCCIONI, 1947, p. 160. Para o fascínio com a miragem espartana, cf. OLLIER (1933), RAWSON (1969), FORNIS (2019).
- ²⁶ Cf. BROWN FERRARIO (2017).
- ²⁷ CARLIER (1978)
- ²⁸ LUCCIONI, 1947, p. 45.
- ²⁹ Cf. JOHNSON (2012).
- ³⁰ STRAUSS, 1989, p. 147-148
- ³¹ The University of Chicago. Disponível em: <https://leostrausscenter.uchicago.edu/audio-transcripts/courses-audio-transcripts/>. Último acesso em: 1o. set. 2022.
- ³² STRAUSS, 1939, p. 528
- ³³ BUZZETTI, 2015, p. 231.
- ³⁴ Carta de Strauss para Kojève, 6 dez. 1948; 28 set. 1950.
- ³⁵ VOEGELIN (1949)
- ³⁶ Cf. STRAUSS, 2000, p. 25.
- ³⁷ Idem, ibidem, p. 23.
- ³⁸ A primeira edição em francês “L’action politique des philosophes” em *Critique* (outubro e novembro de 1950), ampliada em “Mise au point” em *De la tyrannie* (Paris: Gallimard, 1954), revisado em *What Is Political Philosophy?* (Glencoe: Free Press, 1959, p. 95-133), e em edições posteriores de *On Tyranny*.
- ³⁹ Cf. STRAUSS (1963) e NADON (2016)
- ⁴⁰ STRAUSS, 1964, p. 1.
- ⁴¹ Idem, ibidem, p. 6.

- ⁴²Rood (2015) insistiu sobre os anacronismos de Strauss e de seus seguidores na interpretação da piedade e da filosofia política de Xenofonte.
- ⁴³ Cf. HÉMARDINQUER (1872); DELEBECQUE, 1957, p. 384-410; BRUELL (1987; 1990); POMEROY (1994); MUELLER-GOLDINGEN (1995); GISH; AMBLER (2009).
- ⁴⁴ Cf. AULT (2007).
- ⁴⁵ Cf. COX (1998).
- ⁴⁶ Cf. HERFST (1922).
- ⁴⁷ MOSSÉ, 1990, p. 43. Cf. também Idem, 1993.
- ⁴⁸ GARCÍA SÁNCHEZ (no prelo).
- ⁴⁹ Cf. HELMER, 2021, p. 51.
- ⁵⁰ BÉNATOUÏL (2008).
- ⁵¹ STRAUSS, 1998, p. 132.
- ⁵² SOLANA DUESO (2014).
- ⁵³ STRAUSS, 1998, p. 147, 152.
- ⁵⁴ Idem, ibidem, p. 133.
- ⁵⁵ Sem dúvida, o melhor comentário para as questões de gênero no *Econômico* de Xenofonte provém, como não poderia ser diferente, de uma trajetória investigativa. No trabalho de Pomeroy, o rigor historiográfico pesa mais que a profundidade filosófica e é, sem dúvida, a obra de referência sobre a *gynaikeiologia* xenofonteana (POMEROY, 1994, p. 24; cf. FOXHALL, 1989; SÉBILLOTTE, 2016; cf. MEYER, 1975). Sobre Xenofonte e a economia verifique: DELEBECQUE (1951); MOSSÉ (1975); HOUMANIDIS (1993); TODD LOWRY (1998); PLÁCIDO (2001); FIGUEIRA (2012) e PÉBARTHE (2014). Sobre a economia grega em geral: TODD LOWRY (1987); POMEROY (1997); BRÛLÉ, OULHEN, PROST (2007); SCHEIDEL, MORRIS, SALLER (2008).
- ⁵⁶ Cf. BOEHRINGER; LORENZINI (2016).
- ⁵⁷ FOUCAULT, 2019, p. 137
- ⁵⁸ Idem, ibidem, p. 137, 141
- ⁵⁹ Idem, ibidem, p. 166
- ⁶⁰ HELMER, 2021, p. 11.
- ⁶¹ O filósofo Louis-André Dorion, que se especializou em Xenofonte na condição de filósofo, também abordou essa figura de Sócrates como *oikonomikós*.
- ⁶² HELMER, 2021, p. 17, 28
- ⁶³ Cf. Idem, ibidem, p. 51 s.
- ⁶⁴ Idem, ibidem, p. 81, 119, 143
- ⁶⁵ Idem, ibidem, p. 81, 119, 143